

"E VEDE! APOLO NÃO PODIA VIVER SEM DIONÍSIO!": CONTRIBUIÇÕES DE NIETZCHE PARA DANÇA CONTEMPORÂNEA

Júlio César Rodrigues¹

resumo

A partir da perspectiva do pensamento do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) em sua obra "O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo", os artistas da dança não deveriam se preocupar com a escultura do passo e na utilização de técnicas padronizadas em detrimento das suas emoções, isto é, o ato de dançar deveria ocorrer de forma "natural" e livre. Mais tarde, esse pensamento influenciou na constituição da Dança Contemporânea em virtude desta se dispor de elementos expressivos que levam o bailarino a realizar movimentos de "dentro para fora" sem, necessariamente, obedecer a critérios estabelecidos por padrões técnicos que ditam o espetáculo. Logo, podemos abranger a pulsão apolínea na dedicação de se aprender a técnica, para depois haver a pulsão dionisíaca da destruição desses padrões técnicos que esquadriham os passos coreográficos. Quando esse gesto estético acontece, visualizamos, assim, a técnica (apolínea) se encontrando com a efusão (dionisíaca). "E vede! Apolo não podia viver sem Dionísio!"

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia nietzschiana. Apolíneo. Dionisíaco. Dança Contemporânea

¹ Doutorando em Educação Física. Docente na Fundação Educacional de Penápolis - FUNEPE/ Doutorando em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - FEF/UNICAMP. jc_rodrigues@yahoo.com

abstract

From the perspective of the thinking of the German philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) in his work "The Birth of Tragedy, Hellenism or Pessimism", dance artists should not be concerned with the sculpture of the step and the use of standardized techniques to the detriment of their emotions, that is, the act of dancing should occur in a "natural" and free. Later, this thought influenced the constitution of Contemporary Dance as it has expressive elements that lead the dancer to perform movements from the "inside out" without necessarily complying with criteria established by technical standards that dictate the show. Therefore, we can encompass the Apollonian drive in the dedication to learning the technique, and then there is the Dionysian drive to destroy those technical patterns that scrutinize the choreographic steps. When this aesthetic gesture takes place, we thus visualize technique (Apollonian) meeting with effusion (Dionysiac). "And look! Apollo could not live without Dionysus!"

KEY WORDS: Nietzschean philosophy. Apollonian. Dionysian. Contemporary dance

introdução

Tendo em vista a construção da filosofia ocidental desde a Grécia antiga, Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) estabelece a concepção de mundo na qual os indivíduos são capazes de percebê-lo a partir de dois modelos diferentes, e sobretudo opostos, que são: o modelo apolíneo advindo do deus Apolo e o modelo dionisíaco, que por sua vez advém do deus Dionísio. Apolo, então, é o deus que envolve o modelo apolíneo da razão, da ordem e da beleza das formas, na sua contramão está o deus Dionísio, que se refere ao deus do vinho, do modelo dionisíaco da desordem, do desejo e da aventura (NIETZSCHE, 1992).

A dança permeada pela metáfora da criança de Nietzsche (1998), sendo aquela que brinca e aceita a vida agindo de maneira esquecida em relação as regras e condutas, é focada na percepção da essência da existência, isto é, no contato do indivíduo com aquilo que lhe é vital. Vislumbrando, assim, a possibilidade do retorno do homem ao seu estado da tenra idade, que se encontraria com a sua capacidade de criar e se ver livre das regras sociais contemporâneas que lhe impõem condutas a serem seguidas.

A possibilidade de criação e rompimento das normas, regras e padrões estabelecidos apresentam-se na Dança Contemporânea, visto que o bailarino contemporâneo revela diferentes formas de linguagem, demonstra seu modo de ser e sentir-se presente no mundo, sendo possível identificar um vasto campo de conhecimento pleno de infinitas possibilidades artísticas e, ainda, de processos que estão em constante construção e transformação (SÃO

JOSÉ, 2011).

Este texto, então, tem por objetivo fomentar as reflexões sobre de que forma os modelos apolíneos e dionisíacos se apresentam na Dança Contemporânea, e se justifica por contribuir tanto para um saber acerca da filosofia nietzschiana, inerente à adequação de ambos os modelos (apolíneos e dionisíacos) que são, inclusive, explicativos ao entendimento de Nietzsche sobre a Arte, como também para o universo de estudos a respeito da dança de um modo geral e, na sua extensão, da Dança Contemporânea.

as pulsões apolíneas e dionisíacas de Nietzsche

A partir dos deuses gregos Apolo e Dionísio, constituiu-se dois modelos como formas de se perceber o mundo, sendo o primeiro, aquele que faz referência à razão e a ordem (apolíneo), e o segundo, ao desejo e desordem (dionisíaco), sendo cada um desses modelos inerentes aos referidos deuses, respectivamente.

Segundo Cotrim (2006) na Grécia antiga, Sócrates optou pelo culto à razão, abafando a vertente filosófica que estava contida na dimensão do modelo dionisíaco, o que resultou nas críticas de Nietzsche (1992) à tradição da filosofia ocidental desde Sócrates, a quem acusa de ter negado a filosofia pré-socrática.

Como consequência, Nietzsche estabelece a distinção filosófica entre os dois modelos, ou pulsões, como trata o autor, denominando-as de pulsões apolíneas e dionisíacas. A princípio, o filósofo faz referência à Apolo como sendo a pulsão apolínea da metafísica, que se configura como uma das maneiras que a realidade se apresenta para os indivíduos, isso por que suas manifestações se fazem presentes no modo de sentir e habitar o mundo.

Apolo, filho de Zeus e um dos deuses do olímpio, muito admirado pelo povo grego, inclusive, é digno de uma volumosa exaltação e respeito. Nietzsche se utiliza de Apolo para falar dos ideais que todavia se perpetuam e insistem em continuar existindo como única via de acesso para o entendimento da vida, se configurando como impulso imperativo que não se permite ser quebrado por forças externas a ele. Viver bravamente e de forma deslumbrante, este é o intuito apolíneo.

Para compreender a perspectiva apolínea frente a pulsão dionisíaca - princípio antagonista - em relação ao entendimento da estética e, sobretudo, metafísico, proposto por Nietzsche é necessário superar o olhar teórico predominante na cultura vigente que tem o tom de "nada em excesso", dedicadas ao deus Apolo, que buscam consciências bem delimitadas sobre assuntos bem específicos, conforme aponta Nietzsche (1992, p. 29):

Mas tampouco deve faltar à imagem de Apolo aquela linha delicada que a imagem onírica não pode ultrapassar, a fim de não atuar de um modo patológico, pois do

contrário a aparência nos enganaria como realidade grosseira: isto é, aquela limitação mensurada, aquela liberdade em face das emoções mais selvagens, aquela sábia tranquilidade do deus plasmador. Seu olho deve ser 'solar', em conformidade com a sua origem; mesmo quando mira colérico e mal-humorado, paira sobre ele a consagração da bela aparência.

Deus das imagens oníricas, das formas, da escultura, da poesia e patrono das artes plásticas, este é Apolo. De caráter pacificador, é uma divindade de proporções bem delimitadas, deus da bela individualidade, com contornos bem definidos, jovial tal como o sol que nunca envelhece, isto é, sua figura é representada pela luz, com um brilho natural e eternamente jovem, assim:

Esse endeusamento da individuação, quando pensado sobretudo como imperativo e prescritivo, só conhece uma lei, o indivíduo, isto é, a observação das fronteiras do indivíduo, a medida no sentido helênico. Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, (...) ao passo que a auto exaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente hostis da esfera apolínea" (NIETZSCHE, 1992, p.40).

Apolo, então, transfigura sua existência com seu impulso modelador, ou seja, preconiza sua existência de cunho nobre, harmoniosa, subsidiando medidas e proporções. Os pavores e as angústias da existência térrea do homem tornam-se, dessa forma, suportáveis ou até mesmo aceitáveis. Temos aqui as pulsões apolíneas atuando em prol de sua máxima: "nada em demasia", para revigorar a realidade, tornando-a bela. Esta é a função de Apolo, fazer da vida algo que seja atraente e admirável.

Toda a realidade que se apresenta se torna divina aos seus olhos, ainda que sobre aqueles aspectos da vida que são considerados os mais difíceis e angustiantes de serem encarados, tal como Nietzsche diz:

Eis o verdadeiro desígnio artístico de Apolo: sob o seu nome reunimos todas aquelas inumeráveis ilusões da bela aparência que, a cada instante, tornam de algum modo a existência digna de ser vivida e impelem a viver o momento seguinte (NIETZSCHE, 1992, p.143).

Dessa forma, a pulsão apolínea se configura como instrumento utilizado pelo povo grego para suportarem os infortúnios da vida, ou seja, utilizam-no como um véu posto diante de si com o objetivo de filtrar aquilo que se vê, para que assim seja possível viver a vida, pois sem este véu, isto é, a vida "nua", se apresentaria de forma desastrosa e cruel, e como consequência, impossível de ser vivida na sua plenitude.

E aqui chegamos, junto com os ideais apolíneos, à beleza da individuação. Aquela capaz de proteger os homens da desagregação infunda e da perda de si mesmo, que corresponde a uma simetria intacta que enxerga o mundo pela individualidade, que aponta limites e torna distinto daquilo que lhe compete. Ainda que por mais fluidas que sejam as aparências, elas precisam

ser previamente estabelecidas, culminando, dessa maneira, num recorte capaz de trazer à tona a percepção existencial suportável para o homem, ou seja, a individualidade apolínea não diz respeito sobre a vida na sua plenitude como se tivesse algum defeito para ser corrigido, pelo contrário, apresenta-se somente de forma “perfeita e bela”.

Ao longo da obra de Nietzsche, essas pulsões aos poucos são deixadas em segundo plano, isto é, se com Apolo temos a aparência que se redime e como consequência assume a bela forma, potente, simétrica e, ainda, transformadora e sublime, podemos trazer Dionísio como sua antítese.

Sendo este o deus do vinho, da música e da vontade irracional. Dionísio, que também é filho de Zeus e um dos deuses do Olímpio, representa a potência do rompimento e da dissolução dos limites. Enquanto Apolo fica do lado das belas aparências e dos ideais oníricos, Dionísio carrega consigo os impulsos de rompimento por completo das inibições, conforme enfatiza Nietzsche:

O êxtase do estado dionisíaco, com sua aniquilação das usuais barreiras e limites da existência, contém, enquanto dura, um elemento letárgico no qual imerge toda vivência pessoal do passado. Assim se separam um do outro, através desse abismo do esquecimento, o mundo da realidade cotidiana e o da dionisíaca” (NIETZSCHE, 1992, p.55)

Impulsos desenfreados e sem configuração estrutural: Dionísio é o deus da abundância, e a tudo que este deus realiza, o faz de forma intensa e abundante. Dionísio é, nessa perspectiva, essencialmente perigoso aos olhos apolíneos, nele encontram-se os excessos, o êxtase e a vertigem presente nas coisas mesmas.

A pulsão dionisíaca desorganiza tudo aquilo que visa se organizar, sendo evocado por meio da analogia da embriaguez, Nietzsche diria que o dionisíaco irrompe a individuação, reconduzindo o homem enquanto ação que surge “[...] do fundo mais íntimo da natureza” (Nietzsche, 1992, p.30). Dionísio revelaria o prazer e ao mesmo tempo o terror do sentimento do homem com a natureza, pois proporciona a visão que não se coloca à prova sem a consciência da inevitável destruição do subjetivo, isto é, para o dionisíaco existe a criação mesmo diante da destruição, no mar das incertezas é possível encontrar certezas cabíveis, e em meio aos devaneios da existência do homem surge a criatividade como forma de superar-se.

Dionísio é, para Nietzsche (1992), o arauto da vida como aniquilação do sujeito que atravessa os caminhos pelo obscuro. Aqui manifesta, assim, a inspiração dionisíaca de se afirmar sobre a desordem e aos excessos, uma vez que para Dionísio não existe um lugar nos cosmos que seja especialmente reservado para os homens, visto que não existe um plano para cada indivíduo, contudo, enfatiza que isso não é motivo para descrença, pois quando se tira o véu apolíneo que eufemiza o mundo descobrimos que a vida na sua plenitude é irreal, cruel, indomável,

contraditória, e por esses motivos as pulsões dionisíacas nos convida a confiar, mais uma vez, na existência.

Assim, Dionísio não quer olhar o mundo através da individualidade, ou seja, as pulsões dionisíacas apontam em não querer interpretar a vida na perspectiva unilateral e sim experimentá-la em sua plenitude, densidade e vastidão! Sem filtros e nem proteções, sem limitações disso ou daquilo, as forças dionisíacas são esta queda livre na qual o homem e mundo não mais se opõem, mas se complementam.

Se Apolo é sinônimo da beleza das belas formas, Dionísio representa, então, os excessos do disforme, visto que carrega em si o exagero que reflete na negação dos limites, e o resultado desta perspectiva é evidente: a vida como o grande mal, e a morte como o único remédio da existência. Segundo Nietzsche (1992), torna-se inegável que a destruição é o elemento distintivo do dionisíaco.

Acompanhado de Dionísio, Nietzsche (1992) passa a transmitir uma visão de mundo opostas às apolíneas, pois este mundo, como se apresenta, engole até mesmo as forças representativas de Apolo. Em Dionísio, os indivíduos encontram um convite para reafirmar sua vontade de criação num constante processo de metamorfose infinita.

“E vede! Apolo não podia viver sem Dionísio!” – a dança contemporânea em evidência

Sem as Artes, os indivíduos correm o risco de apenas “sobreviver”, conforme Nietzsche afirma:

Vivemos, seguramente, graças ao caráter superficial de nosso intelecto, numa ilusão perpétua: necessitamos, para viver da arte a cada instante. Nossa visão nos prende às formas. Mas se somos nós próprios aqueles que educamos essa visão, vemos também reinar em nós mesmos uma força artista (NIETZSCHE, 2007, p. 27).

Na dança, o pensamento racionalista traduziu-se no estabelecimento de regras fixas e de passos subordinados à música, sobretudo clássica, atentando-se, necessariamente, ao desenho geométrico do espaço. A consequência disso foi o surgimento das danças clássicas que são realizadas nas pontas dos pés sendo direcionadas através do compasso musical, ao mesmo tempo que preza pela bela aparência dos movimentos, sempre bem lineares, definidos e, sobretudo, advindos de uma técnica estabelecida.

Então, podemos identificar na dança clássica as características das pulsões apolíneas, que segundo Nietzsche (1992, p.30), traduzem na necessidade da valorização do estético e da aparência:

“Sim, poder-se-ia dizer de Apolo que nele obtiveram a mais sublime expressão a inabalável confiança nesse principium [...] e poder-se-ia inclusive caracterizar Apolo

com a esplêndida imagem divina do principium individuationis, a partir de cujos gestos e olhares nos falam todo o prazer e toda a sabedoria da "aparência", juntamente com a sua beleza".

Nesse sentido, a dança não poderia ser uma forma de contemplação, isto é, não deveria se preocupar com a escultura do passo, com a técnica das formas exatas e da ordem, com coreografias ritmadas ou pré-estabelecidas vistas na perspectiva do modelo apolíneo. Mas sim, dançar "naturalmente", utilizando-se de movimentos livres, com participação e entrega do indivíduo a um determinado contexto através da espontaneidade, visando alcançar o modelo dionisíaco (LEMOS, 2009).

A Dança Contemporânea, que foi influenciada de forma transdisciplinar por diversos discursos acerca do corpo, com seus movimentos livres e naturais, ao mesmo tempo descompromissados com a métrica exigida pela dança clássica, se aproximaria das pulsões dionisíacas, pois rompe com os passos padronizados, colocando o corpo em movimento enquanto protagonista de suas expressões.

A preocupação demasiada com a técnica, porventura, levou o bailarino clássico a considerar o movimento padronizado em detrimento das emoções. E sob a perspectiva histórica da dança, Isadora Duncan (1877 - 1927) aponta que o bailarino deveria dançar de forma livre, o que influenciou posteriormente na constituição da Dança Contemporânea em virtude desta se dispor de movimentos que não seguem uma técnica única estabelecida. Assim, é possível encontrar elementos expressivos que surgem de "dentro para fora" sem, necessariamente, obedecer a critérios estabelecidos por padrões impositivos que esquadrinham os passos do bailarino.

A dança pensada através da pulsão dionisíaca traduz na espontaneidade e na expressão, sendo aquela que leva o indivíduo para fora de si, de forma efusiva rouba a consciência do bailarino que se vê embriagado pelo desejo de movimentar-se, conforme aponta São José (2011, p. 4):

A partir de inúmeras leituras e observações uma quantidade e variedade significativa dos modos expressivos do corpo em movimento, apontam para diferentes maneiras de fazer pensar dança. A dança contemporânea é uma forma de arte em constante construção e em organização contínua, utiliza de diferentes técnicas corporais, modos de apresentação, pluralidades estéticas, ambiguidades, descontinuidade, heterogeneidade, diversidade de códigos, subversão e multilocalização.

Logo, podemos visualizar na Dança Contemporânea a pulsão apolínea, dado que a princípio o bailarino se dedicaria a aprender e aprimorar as "belas formas" dos padrões técnicos, para depois haver a pulsão dionisíaca da destruição desses padrões como forma de superar os limites coreográficos. Quando esse gesto estético acontece, visualizamos, então, a técnica (apolínea) se encontrando com a efusão (dionisíaca). "E vede! Apolo não podia viver sem

Dionísio!" (NIETZSCHE, 1992, p.41). E assim:

[...]Em oposição a todos aqueles que se empenham em derivar as artes de um princípio único, tomado como fonte vital necessária de toda obra de arte, detenho o olhar naquelas duas divindades artísticas dos gregos, Apolo e Dionísio, e reconheço neles os representantes vivos e evidentes de dois mundos artísticos diferentes em sua essência mais funda e em suas metas mais altas (NIETZSCHE, 1992, p.97).

Para Nietzsche, o conflito existente entre a ordem e a desordem são representadas pelas pulsões apolíneas e dionisíacas que traduzem em dimensões complementares da realidade, que segundo o autor:

Vejo Apolo diante de mim como o gênio transfigurador do principium individuationis, único através do qual se pode alcançar de verdade a redenção na aparência, ao passo que, sob o grito de júbilo místico de Dionísio, é rompido o feitiço da individuação e fica franqueado o caminho para as Mães do Ser, para o cerne mais íntimo das coisas (NIETZSCHE, 1992, p.97)

Além de igualmente necessárias para o entendimento das Artes, ambas divindades - Apolo e Dionísio - nos sugerem que essas duas pulsões, tão distintas, caminhem lado a lado e que estejam frequentemente em conflito aberto, excitando-se mutuamente a fim de eternizar as discussões entre contrários.

considerações finais

Com a ajuda de Nietzsche compreendemos que a Arte se torna um elemento fundamental no que diz respeito à dança enquanto meio de restituição da realidade.

Nesta perspectiva, o deus Apolo organiza o mundo deixando de lado o caos, estabelecendo, ainda, as forças da natureza para em seguida elaborar as regras e assim dominá-las. Já o deus Dionísio se apresenta como a via na qual é possível abstrair do homem o sofrimento diante das soluções metafísicas, permitindo-o tornar-se aquilo que de fato ele é, em outras palavras, o homem seria criativo, inventivo e livre das amarras da sociedade.

A Dança Contemporânea, por sua vez, permite ao bailarino experimentar a forma pela qual as pulsões dionisíacas se complementam as pulsões apolíneas, resultando, então, na união destes. Podemos, assim, compreender essa união como a relação estabelecida entre a técnica e o desejo, ou seja, a busca pela fluidez do movimento e os passos bem delimitados apontam para as pulsões apolíneas, em seguida, como forma de destruí-lo, surge o caos, a embriagues e o desejo que se deixam levar para as pulsões dionisíacas.

Logo, o corpo se apresenta na Dança Contemporânea sem padrões estéticos estabelecidos, sem a existência de um corpo ideal, se apresentando em diversas estruturas físicas, numa lógica aberta, inclusiva e expressiva. Portanto, a Dança Contemporânea inicia-se sob a perspectiva

coreográfica que não se restringe a um modelo único de normas e padrões de movimento, mas sim numa perspectiva onde múltiplos olhares, escolhas e narrativas do corpo podem ser percebidas.

Neste sentido, a Dança Contemporânea é a expressão que se traduz em vitalidade, a vontade permeada pelo desejo, a capacidade do homem de se colocar como protagonista frente às suas ações dizendo, então, "sim" à vida.

referências

COTRIM, G. Fundamentos da filosofia: história e grandes temas. 16 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

LE MOS, A. P. O Apolíneo e o Dionisíaco na Dança Contemporânea: quando as forças da natureza se encontram em Isadora Duncan. Revista Garrafa, Rio de Janeiro, v. 4, n. 08, 2006. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7479/6006> >. Acesso em: 20/06/2020.

NIETZSCHE, F.W. O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Ed.Cia das Letras, 1992.

_____. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. O livro do filósofo. São Paulo: Escala, 2007

SÃO JOSÉ, A.M. Dança contemporânea: um conceito possível? V Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão -SE, 2011. Disponível em < <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/985/1/DancaContemporaneaConceito.pdf> > Acesso em: 15/06/2020.